

C.L.C.R.?
MEDECINA

JOSE E. SOUSA

Comissão de Luta Contra a Repressão

SINDICALISMO
ESTUDANTIL-
QUE
ALTERNATIVA?

C.L.C.R.

TRABALHADORES E ESTUDANTES:
UMA SÓ LUTA!



SINDICALISMO ESTUDANTIL QUE ALTERNATIVA?

TRABALHADORES E ESTUDANTES: UMA SÓ LUTA!

Estão em curso as eleições para os Corpos Gerentes da C.P.A. de Medicina. Nestas circunstâncias é necessário apercebermo-nos claramente da situação actual do Movimento Estudantil, de como esta situação é encarada pelas várias orientações no M.E. e quais as suas posições face ao papel das Associações e aos processos eleitorais.

As AEE como locais de reunião, discussão política e desapoio técnico têm tido um papel importante como base de apoio às movimentações estudantis. Estas, nos últimos anos, pelas suas formas e conteúdos, têm ultrapassado o âmbito meramente escolar (vejam-se as lutas contra a reforma V. Simão, denunciando-a como a reforma dos capitalistas; os meetings anti-coloniais, contra a repressão fascista e de apoio às lutas da classe operária; as manifestações e distribuições de comunicados à população, etc.).

Esta radicalização corresponde a um salto qualitativo do M.E., embora se note um afastamento cada vez maior entre uma vanguarda muito radicalizada e a grande maioria dos estudantes.

A perda da base de massas do M.E., é resultado, não só da ausência de lutas ofensivas da classe operária na qual os estudantes reconheceriam o sujeito histórico capaz de acabar com sociedade de miséria, de exploração e de opressão, mas também devido à hegemonia do sindicalismo no M.E., que tentando mobilizar os estudantes em torno dos seus "interesses comuns" impede a compreensão do carácter de classe da Universidade isto é, que está ao serviço dos capitalistas tendo como função:

- 1 - Formar os quadros técnicos destinados a manter e desenvolver a economia capitalista.
- 2 - Formar quadros docentes destinados à transmissão e reprodução da ideologia burguesa, justificativa da exploração do homem pelo homem a fim de perpetuar e consolidar o poder da classe dominante,

permitindo que os estudantes sejam facilmente integrados no plano da burguesia para a Universidade.

A brutal repressão que neste momento se exerce sobre o M.E. visa o aniquilamento deste, quer através de medidas particularmente selectivas, quer tentando acabar com todos os espaços de reunião e discussão política já conquistados pelos estudantes (fecho das AABEs - Técnico, Medicina; Farmácia -, entradas e horários controlados na Cantina, policiamento constante das Faculdades, contra-empedidos, vigilantes, etc.).

Esta repressão situa-se no contexto da radicalização do M.E. e da impossibilidade da burguesia (empenhada na reconversão industrial, em manter uma criminosa guerra colonial, e confrontada com o crescimento das lutas da classe operária) em permitir qualquer movimentação progressista.

Perante esta situação de conflito aberto verifica-se a impossibilidade das orientações sindicalistas, que tentam mobilizar os estudantes em torno dos chamados "interesses estudantis" - culturais, pedagógicos e outros - em darem uma resposta minimamente eficaz à repressão fascista, sendo um entrave à própria dinâmica das lutas estudantis.

Na realidade as orientações sindicalistas não compreendem que os estudantes não desempenhando um função directa no processo produtivo, constituindo uma camada social heterogénea, pelas suas origens de classe, condições de existência ou futuro profissional, o que vai determinar a sua heterogeneidade política (fragmentação de estudantes entre posições por vezes claramente reacionárias - caso da Frente Universitária - e posições progressistas) não têm interesses de classe comuns e por isso não constituem um meio sindicalizável. O meio estudantil pode considerar-se como politicamente pequeno-burguês que ao mobilizar-se ou apoiar as soluções da burguesia (aceitando por exemplo a reforma V. Simão) ou coloca as suas lutas no serviço da classe operária, dependendo a sua movimentação em última instância da relação de forças entre estas duas classes.

As perspectivas sindicalistas procuram a unificação de todos os estudantes na base de seus interesses imediatos: Seria a defesa dos "interesses de todos os estudantes" (melhores condições de ensino, interesses culturais, desportivos, etc.) que permitiriam a utilização do M.E. para a luta contra o fascismo!

Seriam esses "interesses" porque opostos ao governo ("o governo é anti-estudantil") ou porque permitindo (através de uma crítica nos conteúdos e métodos de ensino) a passagem gradual à compreensão do carácter de classe da universidade, que tornariam possível pôr os estudantes a lutar por uma Reforma Geral e Democrática do Ensino ou por uma Universidade Popular respectivamente.

A História de M.E. em Portugal confirma-o tragicamente. As grandes movimentações anti-fascistas de 61-62 situavam-se no terreno das exigências das liberdades democráticas, da reforma do ensino! E se no entanto atingiram a expressão massiva tal como no período de radicalização política de 69, greve de Coimbra, as suas causas devem ser encontradas na incapacidade da burguesia em fazer sair a escola da função de formação de elites destinada aos altos cargos de administração do aparelho de Estado, das colónias, etc., que eram essencialmente recrutadas nos cursos de Direito, Letras e profissões liberais.

As lutas estudantis situavam-se assim no âmbito de uma Universidade nova, ou seja pediam a reforma da Universidade capitalista. É assim que quando a burguesia lança a sua reforma, o M.E. está desarmado politicamente e é em grande parte integrado pela Reforma Veiga Simão. É então que afirmam que "a reforma governamental é uma burla" que não é essa reforma que defende os "interesses dos estudantes", mas sim a R. Geral e Democrática ou a Uni. Popular, nunca pondo em causa a própria função da Universidade, função que subsistirá enquanto permanecer o próprio sistema capitalista, que não desaparecerá por qualquer tipo de reformas quaisquer que elas sejam.

* É considerando a existência de uma mobilização permanente dos estudantes em torno dos seus "interesses" que as direcções sindicalistas proclamam a necessidade de uma direcção tentando unificar todos os estudantes na base dos seus interesses imediatos pedagógicos, vendo as AES como o local de defesa desses interesses delimitados como "neutrais, apolíticos e arreligiosos". É assim que surge a necessidade de eleições para a AES a fim de se colher a direcção permanente para todo este ano.

É considerando a existência de uma mobilização permanente dos estudantes em torno dos seus "interesses" que as direcções sindicalistas proclamam a necessidade de uma direcção permanente para o M.E.. É assim que surge neste momento a necessidade de eleições para os corpos gerentes da CPA a fim de escolher a direcção permanente para todo este ano.

Ora, o M.E., pela sua própria natureza caracteriza-se por constantes fluxos e refluxos nunca se podendo manter uma mobilização permanente.

Uma efectiva direcção política para o movimento só poderá surgir das lutas nas quais os estudantes decidirão democraticamente quais as formas organizativas que corresponderão às necessidades do momento. É na própria dinâmica da luta que os estudantes reconhecerão qual a direcção política do movimento.

Não reconhecendo uma direcção permanente para o movimento, consideramos que o papel da futura "direcção" será única e exclusivamente de gerência da associação cuja existência defendemos enquanto local de reunião, discussão política e de apoio técnico às lutas progressistas.

Este "período eleitoral" deve ser aproveitado para uma maior explicitação e demarcação das várias tendências para o M.E. tentando avançar com as perspectivas que permitirão a ultrapassagem do actual impasse em que se encontra o movimento, levando à recuperação da base de massas deste em moldes anti-capitalistas.

A escola capitalista reflecte as contradições da sociedade capitalista. Nesta medida cabe aos estudantes radicalizados articular esses problemas com uma intervenção que permita a tomada de consciencia por parte de cada vez mais amplas camadas de estudantes duma crítica que de crítica da escola capitalista transcreça em crítica à sociedade capitalista.

Os eixos de luta que lhes cabe impulsionar são essencialmente:

- 1º- Denúncia da escola capitalista (função, conteúdo e métodos ligados ao combate à rentabilização capitalista da escola) lutando contra a militarização da escola, que acompanha a Ref. V. Simão.
- 2º- Luta contra a guerra colonial.
- 3º- Luta contra todas as formas de repressão ligadas à denúncia do sistema que as engendra, ao MILITARISMO, AUTORITARISMO e ARREGIMENTAÇÃO da juventude.
- 4º- Apoio às lutas operárias, quebrando o isolamento entre as lutas da classe operária e as lutas estudantis, levando à prática a palavra de ordem:

-TRABALHADORES E ESTUDANTES: UMA SÓ LUTA !

C.L.C.R.
DE MEDICINA

Março 74